

*Quando dar à castração outra articulação que não a anedótica?*¹

Maria Isabel Fernandez

Este título extraí do seminário *...ou pior*, livro 19, de Jacques Lacan, especificamente do capítulo III, intitulado “Da Anedota à Lógica”, a partir de uma interrogação que surgiu pela leitura que fiz do texto.

Vou, então, situar a frase que tomei do texto de Lacan e com base na qual extraí o título do meu trabalho:

“Hoje começarei a lhes mostrar como é possível dar ao que concerne à castração outra articulação que não a anedótica, fazendo uso de funções lógicas.”

A questão que me interessa sublinhar e que me possibilitou uma leitura do texto é a seguinte: a que dificuldade Lacan nos remete, no tempo deste seminário, nos dizendo que *hoje começarei a lhes mostrar...* Indago isto porque não podemos deixar de contar com o que ele veio trabalhando a respeito da construção lógica do fantasma e das questões do gozo pela via de Um Outro ao outro. Por que, neste momento, volta a nos dizer, a insistir, que a castração pode, ainda, estar sendo sustentada pelas bases da subjetivação do sexo?

Podemos dizer que se trata de um ponto de resistência do sujeito a respeito de sua própria divisão, ou que ele nos remete ao tempo lógico necessário que exige mais um relançamento, não sem ter trabalhado certas questões em análise que foram sendo produzidas no próprio tempo de trabalho?

Há determinadas questões sobre a castração que só são possíveis articular pela via das funções lógicas discursivas, depois de produzir certas voltas que podem levar à precisão de pontos discursivos, fundamentais do campo do gozo.

Por outro lado, se estamos falando de um ponto de resistência do sujeito à sua própria divisão, em que o drama faz resistência, impede a entrada de uma lógica discursiva, formulo outra questão: como desenlamear esse sujeito do subjetivo? O que poderia, então, no limite do discurso da neurose fazer outro uso em relação à função da castração que não o da intersubjetividade implicada no uso da fala pelo sujeito?

¹ Trabalho apresentado na XVI Jornada Anual da Práxis Lacaniana, 28 e 29 de setembro de 2013, Niterói.

No percurso do texto do capítulo em questão, Lacan nos indica as passagens necessárias que situam a possibilidade de outra articulação no que concerne à castração, mas não sem deixar de nos advertir que temos pontos de impasse a atravessar. Isso me possibilitou ler uma questão que tomei como fundamento das torções e dos reviramentos no texto. Lacan diz ali que existem condições necessárias para que seja possível ao sujeito, produto dos efeitos das operações em análise, fazer sua entrada no real, no real da castração. Então de que condição se trata, já que as condições se produzirão no ato mesmo de o sujeito seguir interrogando de que lugar ele fala a partir dos efeitos de sua fala que produzem consequências no real?

Lacan vai situando algumas passagens, neste capítulo, ou seja, os passos necessários que foram orientando as interrogações formuladas pela minha leitura do texto. Ele diz que no nível do *ao menos um* do Pai, onde se introduz o *ao menos um*, é possível que seja subvertida, isto é, que não mais seja verdadeira a prevalência da função fálica. Podemos dizer que esta é uma condição, que o Pai entre enquanto função ao nível dessa lógica que funda o Pai enquanto termo no discurso por seu valor significante? De que subversão se trata quando o *ao menos um* do Pai está operando enquanto função de argumento no discurso do sujeito?

A função do pai como Nome, como eixo do discurso, está escrita em Freud, e é justamente por só se manter como simbólica que esta função é o eixo em torno do qual gira todo um campo da subjetividade. E como nos indica Lacan, “é nesse ponto que temos que pegar a outra face, isto é, o que sucede na relação com o gozo, pois isso nos permitirá avançar um pouco mais no que se dá com a transmissão da castração”. (Seminário XVI – De Um Outro ao outro).

Então, essa torção que Lacan nos indica, no sentido de pegar a outra face, nessa relação da repetição com o gozo, é o que nos permitiria interrogar o que vem a ser a existência de um saber onde não há saber sobre o sexo? Pois *o existe*, da existência, ao nível do que se introduz pelo *ao menos um* do Pai, nos remete à hiância que há entre o que funda simbolicamente a função argumental dos termos o homem e a mulher, apontando toda a problemática que se inscreve neste ponto para o sujeito a respeito da diferença sexual. Por outro lado, nessa trilha, nesse caminho da repetição que Freud nos legou pela via do Além do Princípio de Prazer, a vida só retorna pelos mesmos caminhos de sempre, aqueles que ela uma vez traçou. O que é que vem a se inserir aí nessa relação entre o saber e o gozo que, se extraído, possibilitaria a subversão da

prevalência da função fálica? Trata-se de uma operação de extração significativa, nessa relação entre o saber e o gozo, que abriria à interrogação de tais saberes produzidos pelo comando do significante, ou seja, a possibilidade de que essa função da barra se inscreva partindo da função lógica discursiva onde pode vir a se afirmar que *não existe x* tal que possa satisfazer a função *Ox*? Lacan está orientando as nossas interrogações para que o passo, a passagem de um discurso a outro possa se sustentar por essas funções lógicas discursivas do lado mulher da tábua da sexuação. Acho que é fundamentalmente essa passagem que Lacan trabalha, neste capítulo, onde as questões se apresentam condensadas.

O homem e a mulher são valores sexuais aceitos em toda língua e nesse sentido, para começar, são valores que partem de uma questão de linguagem. Mas dito isso, o homem e a mulher, podemos dizer que sabemos do que se trata? Por outro lado, sabemos que essa bipolaridade de valores vem sendo tomada como algo que sustenta, no entanto, também sutura, o que concerne às questões do sexo. Podemos dizer sustenta no que nos permite extrair que homem e mulher partem de uma questão de linguagem, valores articulados pelos efeitos da fala no inconsciente, e nesse sentido efeitos significantes se o inconsciente está estruturado como uma linguagem pelas operações em análise. Por outro lado, sutura, quando encobre o que concerne às questões do sexo, pois o sujeito aí pode não chegar a articular a hiância existente entre o que funda simbolicamente a função argumental dos termos o homem e a mulher; discursivamente, pode não articular essa falta enquanto falha na estrutura e ficar girando preso, pego ao falo enquanto o objeto que poderia ter sido ou tido, se tivesse existido ou, ainda, se vier a existir.

Se aquele que fala, conforme nos indica a descoberta freudiana, colore com o gozo as suas necessidades, isto é, aquilo mediante o qual se defende da morte, então o que vem a ser a necessidade que conduz a arte de produzi-la como necessidade de discurso? É nesse sentido que Lacan nos orienta a interrogar o que vem a ser a existência, já que é no nível do *ao menos um* do Pai, onde se introduz o *ao menos um*, que o gozo sexual, como demonstra o mito, será possível, mas também será limitado?

A experiência de análise instituída por Freud, situada no nível da emergência do trauma por uma questão prévia no sentido da anterioridade lógica, e da qual Lacan define que se instaura uma estrutura de discurso situando-a pela complexidade de articulação dos três registros, no nível da função fálica, é a que pode nos levar a dar o passo necessário no ponto de desvio em que a castração pode permanecer reduzida à

anedota, ao acidente, à intervenção desajeitada de um dito de ameaça, ou mesmo de censura, ali onde a estrutura enquanto uma lógica discursiva só pode articular-se a partir da entrada do discurso do analista. Como relançar as questões do que veio sendo cernido por tal percurso de trabalho nessa relação com algo que se apresenta enquanto prévio, e que nos remete à anterioridade lógica, ao nível dos discursos? O que nos possibilitaria articular as questões que vêm sendo tomadas pela via do prévio enquanto efeitos de uma anterioridade lógica, discursivamente? Qual é a função do Um que fala nessa relação ao que funciona como argumento para o sujeito a partir do que ele vai sustentando no percurso da análise?

Volto à pergunta: o que nos permitiria articular as questões do sexo pela via lógica do real da castração, enquanto o real se afirma nos impasses da lógica, ou seja, partindo dessa hiância irreduzível onde a falta, o vazio, o buraco, a cavidade oca é feita daquilo que deve funcionar como argumento?

Lacan nos dá outro indicativo pelo reviramento que faz, situando a função fálica pelo que isso implica tomar o impossível como causa, e nos diz o seguinte: “será que algum dia perceberemos que, ao lado do frágil, do fútil, do inessencial que constitui o existe, o não existe, ele sim, quer dizer alguma coisa?”

É partindo dessa função lógica discursiva na qual pode vir a se afirmar que *não existe* x tal que possa satisfazer a função *OX*, essa função provida da barra que a institui como sendo verdadeira, que Lacan, dirigido aos analistas, indica o acesso possível a outra articulação para a castração que não a anedótica, pois com o que a experiência de análise nos depara no limite do discurso da neurose é que é exigível que a castração não se reduza à anedota de uma fala ouvida. Sem isso, sem que entre essa necessidade de discurso, como tomar o que Freud nos legou, a eficácia de uma hiância, fundamentando-a pela impossibilidade do enunciado da bipolaridade sexual e sustentando-a pela via do corte onde não há saber sobre o sexo, ou seja, tomando a partida pela articulação do dizer na relação com a cavidade oca, com o buraco, que funciona como argumento, ou outra maneira de dizer isso: que não há relação sexual, que está formulado enquanto verdade que o sexo não define relação alguma no ser falante.

Freud nos deixa o caminho aberto, e Lacan, aos nos indicar as passagens, nos adverte dos impasses, nos dizendo que é possível, ainda, depois de certo percurso, continuarmos dando voltas, *aturditos*, atrapalhados com as relações edípicas do lado do Pai. E se não saímos daí, se não saímos do que se passa do lado do Pai, isso pode ter uma causa muito

precisa, “é que seria preciso o sujeito admitir que a essência da mulher não está na castração”.

É partindo *do real como o impossível* que Lacan pode chegar a dizer que elas não são castráveis, pois o falo elas não o possuem. É nesse nível de estrutura significante em que o falo entra enquanto significante, objetando a intersubjetividade que o sujeito mantém no uso que faz da linguagem, que o impossível como causa pode apontar que a mulher não está essencialmente ligada à castração? O que isso quer dizer? Que a mulher se situa partindo de que *não todas* podem ser ditas com verdade em função de argumento no que se enuncia da função fálica. É possível, então, dizer que é nessa relação com a verdade que o *não-todas* indica que a mulher tem relação com a função fálica enquanto uma a uma? Que é na contingência que a mulher se apresenta à maneira de argumento na função fálica, ou seja, que é possível, por essa via de uma a uma, que seja subvertida, que não mais seja verdadeira a prevalência da função fálica; ou, uma outra maneira de dizer isso, que é possível chegar a articular a castração por outra via que não a da anedota de uma fala ouvida onde a castração se apresenta pelo simbólico, mas não pela via das consequências no real? É com base nisso, partindo do real da castração, que o acesso às articulações pelo lado mulher da tábua da sexuação é possível, onde contamos com as categorias modais do impossível, da inexistência e da contingência.

Isso quer dizer que é necessário a função da castração começar a operar pelo falo enquanto significante em sua função de argumento no discurso. É por essas operações que o sujeito pode chegar a se deparar com a hiância existente entre o falo enquanto significante e a significação do falo, essa hiância que se sustenta no sentido de que não há relação sexual. É por essa via que *o existe*, onde se introduz o *ao menos um*, pode ser questionado pela própria função do *não existe x* enquanto argumento que barra o que vem a ser a existência do todo homem como valor sexual? Então, é partindo da necessidade enquanto necessidade de discurso que podemos seguir nos interrogando sobre os tempos de articulação lógica, onde nos deparamos com certo modo de cristalização daquilo que emerge pela prática de discurso, pois não há necessidade senão a que é dita.

Se Lacan, neste capítulo do Seminário 19, nos propõe encontrar, nesse real que se afirma pela interrogação lógica da linguagem, “o modelo do que nos interessa, ou seja, do que a exploração do inconsciente revela”, podemos dizer que, por essa operação de

extração de gozo pela lógica significante, produzida em análise, que dá entrada ao discurso do analista, se pode chegar, pelo estreitamento do campo, pelo cerceamento do gozo, a sustentar os dizeres pelas interrogações dos ditos que se articularam para o sujeito como axiomas, premissas, termos fundadores nessa hiância irreduzível onde designamos o real, o real da castração?

Nesse sentido, se as interrogações, em termos da prática como discursiva, nesse nível de estrutura significante, partem de dizeres que se sustentam pelo *impossível como causa*, é possível, então, que seja subvertida a posição do sujeito nessa relação entre o saber e o gozo, é possível que a castração comece a ser articulada pela função de argumento nessa relação com *o real como o impossível*.